

A ESPANHA VAI MAL

por Mário Soares

É sabido que sou um grande admirador e amigo de Espanha. Sobretudo em função da sua cultura, de excepcional qualidade e da sua arte, igualmente excelente. Visitei o Prado inúmeras vezes e vários outros Museus de Madrid e de outras grandes cidades, como Barcelona e Bilbao. Os seus grandes monumentos e especialmente Igrejas em Sevilha, Toledo, Santiago de Compostela, etc.

Vivi, pela Rádio Madrid, a guerra de Espanha, a torcer, evidentemente, pelos republicanos. E lembro-me bem o que me custou a vitória de Franco e dos seus marroquinos. Uma tristeza esperada mas que me marcou para sempre. No entanto, Franco foi muito hábil em rejeitar, como os americanos lhe pediram, que os Marines passassem por Espanha para, com alguns portugueses que lá estavam refugiados, invadissem Portugal, como sucedeu na nossa I República. Tudo isso está hoje publicado em livros, dado que a documentação americana, ao fim de trinta anos é aberta ao público.

Muito mais tarde, depois da Revolução dos Cravos e da morte de Franco, participei, de certo modo, na transição democrática espanhola, graças à amizade que fiz com Adolfo Suarez. E depois, com o actual Rei, D. Juan Carlos e a sua tão inteligente Esposa e com seu Pai D. Juan de Bourbon, que tantos anos viveu em Portugal e com quem convivi no Estoril, nessa época. Tenho uma imensa simpatia pelo Povo espanhol. É um Povo viril, e não só os homens, como também algumas mulheres, que conheci, como a duquesa de Medina Sidonia (conhecida por duquesa vermelha) ou Victoria Kent (que, exilada nos Estados Unidos, dirigia a Revista Ibérica). Além de grandes amigos que tenho em Espanha, como Raul Morodo, Felipe Gonzalez, Federico Mayor, Alfonso Guerra e tantos outros. Alguns que, infelizmente, já morreram, como Tierno Galván e Santiago Carrillo.

Vem isto a propósito do momento crítico que vive Espanha, bem como Portugal. A nossa Península tão mal tratada pelos vencedores da II Grande Guerra, refiro-me a Inglaterra, aos Estados Unidos e à França do tempo de De Gaulle que, por medo do comunismo, mantiveram as ditaduras anti-democráticas ibéricas. Foi uma traição aos respectivos Povos que não devemos esquecer.

Com a crise financeira, económica, social, política e ambiental, que atravessa a União Europeia - e em especial a zona euro - Portugal e Espanha foram vítimas da austeridade a que a Chanceler Merkel obrigou. Com uma diferença: Espanha, que foi atingida depois de Portugal, não aceitou a Troika. Mas submeteu-se à austeridade, o que vem quase a dar no mesmo.

Além disso, Mariano Rajoy, líder do PP e actual Primeiro-Ministro, tem-se revelado um mau político e, sobretudo, um mau diplomata. Ainda agora, no País Basco, onde a ETA tinha deposto as armas, em vez de dialogar com os seus militantes, voltou a prendê-los, o que tem provocado enormes manifestações contra o centralismo do actual Governo espanhol. E com a Catalunha tem feito o mesmo, senão pior. O que só faz crescer os independentistas, como se tem visto.

O que não deixa de ser estranho num homem que é galego de nascimento, sendo a Galiza, uma das Autonomias, que também gostaria de ser um Estado, como se sabe. De resto, os galegos têm fama de ser argutos. O que não parece ser o caso de Mariano Rajoy. Um político duro e péssimo diplomata.

A Espanha é um país que, durante a transição democrática, com medo de repetir a República, que criou três autonomias: Catalunha, País Basco e Galiza, talvez para as diluir, criou no total, nada menos do que 17 autonomias. Todas, hoje, com línguas próprias e idênticas pretensões.

Daí, Felipe Gonzalez, que é andaluz, de Sevilha, com o talento político que lhe é reconhecido, tenha recentemente, dito que a Espanha devia ser um Estado único, mas Federal. Uma excelente ideia para Espanha.

Mariano Rajoy, como Primeiro-Ministro, só tem agravado, pelo que leio, todas as dificuldades de Espanha. Financeiras, económicas, políticas, sociais, ambientais e, obviamente, quanto às autonomias. Curiosamente, sendo da mesma ideologia economicista do Governo de Portugal, não me parece que tenha grande contacto com o seu homólogo Passos Coelho, embora tivessem estado juntos na homenagem que fizeram a Durão Barroso, que está no fim do seu mandato.

Sucede que além da crise - e dos problemas graves que têm vindo a afectar Espanha - surgiram problemas com alguma gravidade com a Casa Real. A doença do Rei D. Juan Carlos, que tem tido um grande tacto político e o problema jurídico-penal, a que estão sujeitos a princesa Cristina e o seu marido Urdangarín. É uma questão séria que não é nada boa para a Monarquia. Como o Povo, em grandes manifestações, tem demonstrado. A Infanta D. Cristina será julgada no Tribunal de Palma de Maiorca em Fevereiro próximo. Felizmente que o herdeiro de Sua Majestade, é extremamente capaz e simpático para o Povo, bem como a sua Esposa. As pessoas sensatas respeitam-no.

O que significa que, apesar de algumas manifestações em favor da República, o actual herdeiro terá toda a possibilidade, mesmo em caso de referendo, que se mantenha a Monarquia. Porque desde que existe, dada a forma como foi feita a transição democrática, a Monarquia consolidou-se. Principalmente após o golpe de Estado anti-democrático do 23 de Fevereiro de 1981, feito nas Cortes e a clareza com que o Rei falou ao País, seguindo o que lhe disse seu Pai, pelo telefone, visto que ainda estava em Portugal.

Francisco Pinto Balsemão, que então era primeiro-ministro, informou-me do que se estava a passar e assim pude seguir pela rádio e televisão o que aconteceu. O militar que entrou nas Cortes, obrigou, de metralhadora em punho, os deputados a baixarem-se. E só ficaram de pé Santiago Carrillo, o Vice-Presidente do Governo, Gutiérrez Mellado e também o Presidente do Governo, Adolfo Suarez.

Note-se que há quem diga que José Maria Aznar, líder do PP e, portanto, também do actual Presidente do Governo, Mariano Rajoy, não gosta da Monarquia, por ser ao que parece republicano e querer, como tal, ao que se diz, ocupar o lugar do actual Rei. Por isso, é que, talvez, a acção de Mariano Rajoy não tem sido particularmente favorável à Monarquia e em especial em relação à problemática das autonomias. É certo que é galego. Mas a verdade é que nunca puxou, bem pelo contrário, por uma maior autonomia para a Galiza. Como alguns nacionalistas galegos têm afirmado publicamente.

Passando a outro ponto. Há que reconhecer que Mariano Rajoy é um economicista que não tem resolvido os grandes problemas financeiros e económicos de Espanha. Visto que cada vez vai pior. Como partidário da austeridade tudo se tem, obviamente, degradado, como em Portugal.

É inevitável. Enquanto o economicismo continuar, como em Portugal, a exigir a austeridade, como tem instigado a Chanceler Merkel (espero que mude, com o novo Governo). Ora os países vítimas dos mercados usurários não podem melhorar. É certo que Espanha tem tido financiamentos mais favoráveis da zona euro do que Portugal e com juros menores. Mas como é um Estado cinco vezes maior do que Portugal (embora com problemas de falta de coesão política que só a Espanha tem), a situação financeira e económica é mais grave e extensa do que a portuguesa.

A Europa da zona euro obrigada como está a mudar, com eleições à vista para o Parlamento Europeu e para as instituições europeias, se não muda cai no abismo, como disse o grande social-democrata Helmut Schmidt. Não creio que isso aconteça. Seria um desastre para todos os Estados da zona euro e para toda a União, bem como para os Estados Unidos, cujo único aliado fiel é a União Europeia. Por isso tem de mudar.

Não perceber isso é ter os olhos propositadamente fechados. Os mercados têm de obedecer à política e aos Estados Sociais. Se os Governos de Espanha e Portugal não perceberem isso tanto pior para eles. Acabarão muito mal.

Uma última nota. A situação da Catalunha. A incapacidade e a teimosia de Mariano Rajoy, ao contrário do que pensa, só o coloca numa má situação. O que se diz e passa na Catalunha é também muito grave.

Na Catalunha a hostilidade contra o Governo de Espanha vai muito mal. Não são os Partidos, é a Sociedade que está a manifestar-se muito para além dos Partidos e quer a independência. Fui amigo de Pallach, que era federalista e não independentista, com o qual tive imensas conversas sobre esse tema. Como também com o ex-Presidente Pujol que não era independentista mas que o é hoje.

O Parlamento Catalão, na quinta-feira passada aprovou, por dois terços, solicitar ao Parlamento espanhol a necessidade de convocar um referendo para resolver a situação política da Catalunha. Quanto sei, não teve resposta.

Nos Estados Unidos, o Presidente de La Caixa, Isidro Fainé, personalidade muito inteligente e respeitada, pediu "um acordo para evitar um confronto". Será que a dureza intransigente de Mariano Rajoy terá a sensatez de compreender o risco que está a fazer correr a Espanha?

Oxalá a tenha.

Lisboa, 21 de Janeiro de 2014